



O HOMOEROTISMO NA LITERATURA INFANTIL: ANÁLISES E REFLEXÕES SOBRE AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS NA HORA DO CONTO

José Francisco Duran Vieira¹

Resumo

A pesquisa descreve e problematiza a existência de Literatura Infantil com tema homoerótico para crianças de zero a cinco anos de idade em obras editadas no Brasil. Adquiriu-se um total de 42 publicações nacionais e estrangeiras cujo tema era o homoerotismo. Para a realização desta pesquisa utiliza-se os conceitos de diferença numa abordagem pós-estruturalista na intenção de fazer aproximações com o pensamento de Michel Foucault e outros autores. Busca nos Estudos Culturais respaldo para compreender a pluralidade sexual que hoje se vivencia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo amparada no método da Análise de Conteúdo. Os objetivos foram: analisar as publicações e compreender como essas literaturas transitam não só no meio social, mas principalmente na educação.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Homoerotismo. Educação.

Introdução


Esta pesquisa aborda sobre a existência de Literatura Infantil Homoerótica para a infância. A pesquisa limitou-se à faixa etária de zero a cinco anos de idade. A utilização da Literatura Infantil como instrumento para viabilizar e estimular a interdisciplinaridade para explorar conceitos matemáticos nas aulas de Didática de Matemática no Curso Normal aproximou-me dessa literatura. Mas, para minha surpresa, não encontrava literaturas que envolvesse a temática homoerótica. Onde estão as obras brasileiras que abordam a temática homoerótica para crianças pequenas, particularmente para a faixa etária de zero a cinco anos de idade, e de que forma ela é apresentada nessas publicações? Mobilizado por essa questão interessei-me pela Literatura Homoerótica, a qual possibilita desde a infância o conhecimento de outras formas de amar, de constituir família etc.

Da magia à realidade: nem tudo é um faz de conta na Literatura Infantil Homoerótica Brasileira

Analiso a seguir, as seis obras selecionadas e busco alicerçar-me nos Estudos Culturais na perspectiva de realizar uma análise crítica sobre os discursos expressos nessas literaturas,

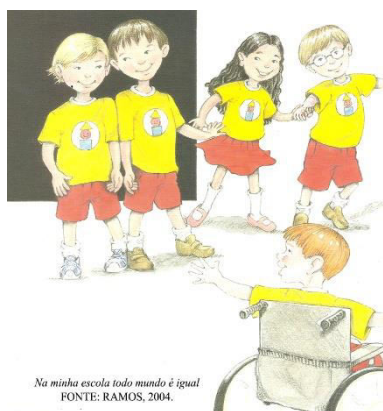
¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – Mestrado Profissional, Universidade Federal de Pelotas, e-mail: jf.duran1963@gmail.com.





de forma a resinificar “uma forma de abordagem do campo pedagógico em que questões como cultura, identidade, discurso e representações passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 54). Ancorado à hipercrítica e ao método da Análise de Conteúdo (AC), ensaio a todo momento, durante as análises das seis literaturas selecionadas, um exaustivo exercício, como se refere Veiga-Neto (2012, p. 269-273), na “metáfora da casa”, de “ir aos porões” e adentrar nos contos de forma a sondar, escavar, “o mais cuidadosa e intensamente possível, pois, apesar de escuro, ele guarda os arquétipos que, sem sabermos que são construções contingentes, tomamos como verdades necessárias”. Concomitantemente, investigo e problematizo a editoração e as ilustrações que são apresentadas, verificando se essas publicações se aproximam ou não da infância.

No livro *Na minha escola todo mundo é igual*, de Rosana Ramos, na página 16, encontra-se uma citação referente à orientação sexual nos seguintes versos: “Tem um que a



gente sabe / Que gosta do outro igual / E daí, qual é o problema? / O que importa é ser legal”. A história contempla uma diversidade de diferenças, não centrando a atenção nos dois meninos apresentados como homossexuais. Existe um singelo olhar entre eles, mas como pode ser visto, não estão de mãos dadas, mas sugere através de uma sutileza um carinho a mais no ar. Pode-se observar também que os dois garotos apresentados como gays, estão totalmente integrados


na história e não são utilizados no enredo para provar nada para os outros personagens, muito menos para fazer uma ‘ação benéfica’ a fim de serem aceitos pelos outros colegas na escola. O final da história termina com os versos: “Aqui vai um belo conselho / Que só leva um segundo: / Quem não respeita o outro / Não tem lugar neste mundo”.



A obra de Aline Abreu, *cada família é de um jeito*, trata de vários tipos de formação familiar. A história inicia na terceira página e já no começo mostra duas famílias compostas por pessoas do mesmo sexo: “Família, não tem duas iguais. / Tem família com duas mães e / família com dois pais“. O tema do conto é a família e é somente nesse momento que a história se refere a esses casais. A única visibilidade posta na página traz a questão de famílias

homo parentais, uma construção indenitária pensada pela autora da obra, na qual a marcação





da diferença “ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (WOODWARD, 2014, p 40). Então, as frases ditas, as cores utilizadas, as ilustrações e estereótipos pensados nessa única página que mostra as relações homoeróticas são artefatos que potencializam outras tantas páginas, outras tantas coisas que deixaram de ser faladas e mostradas.




Continuando a análise, no livro *Eu tenho duas mães*, de Márcio Martele, a história é praticamente desenrolada por três personagens: dois adultos e uma criança. O livro relata a vivências de um menino que conta a história do cotidiano familiar. Através dos versos escritos na página cinco,

subentendemos que o menino foi adotado: “A princípio, não entendi médica de nada / Até achei meio gozado e estranho: / Enquanto algumas crianças são desprezadas, / Eu ganhei um amor de mãe deste tamanho!” Podemos inferir, através de algumas frases ditas pelo garoto, que os três formam uma família e as duas mães são um casal lésbico. Quando as mães são mostradas de corpo inteiro, percebemos que elas estão sempre de calça, inclusive o outro casal de “lésbicas” que aparece no final do conto também usam calças, cabelos presos, roupas simples que cobrem grande parte do corpo etc., quase as masculinizando. A história apresenta uma composição de família com hábitos muito parecidos com os de casais heterossexuais. O enredo mostra as vivências do dia a dia do casal de mulheres que são zelosas, dão carinho para o filho e cuidam de sua saúde, alimentação e lazer, característica de uma heteronormatividade. Dessa forma, a heteronormatividade entra no intuito de instaurar uma conversão social e cultural entre gênero, sexo e desejo/práticas dentro de um sistema social e cultural que reforça e evidencia a aceitabilidade de alguns sujeitos e não outros, de algumas relações e não outras. Essa concepção heteronormativa neutraliza identidades aceitáveis culturalmente, acrescida por uma perspectiva de transformar um homossexual “potencialmente perigoso” para o “potencialmente saudável”, isto é, um sujeito socialmente correto, desprendido da visão patologizante.

Meu nome social é Dulce Maria os textos não são curtos, em algumas páginas excedem para uma faixa etária menor que cinco anos, pois acabam em certos momentos alongando-se com detalhes e explanações sobre os acontecimentos da história. Quando Dulce





Maria, no início da história, adentra na sala de aula de sua escola, causa uma certa polêmica e indagação: “Seria homem ou mulher?”. Que papel ela estaria exercendo socialmente?



Como narra a história, quando Dulce Maria se olhava no espelho, “era como se aquele corpo de menino não combinasse com a sua alma de menina”. E esse corpo era alvo de todos os tipos de análises e comentários.

“Dulce Maria tem doença de ser menino que quer ser menina sem nunca poder”. “Você tem pinto?” “Você nem é menino nem é menina! Você não é nada!” Como frisa Louro (2013, p. 51), esses indivíduos não procuram ser admitidos, integralizados e muito menos categorizados dentro de uma sociedade heteronormativa, o que eles almejam “é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central. Assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos, e assim querem viver”. A história salienta que a escola aceitou que ela o usasse. Dulce era boa em matemática. “Ela sabia bem de matemática e começou a ajudar a todos que tiravam notas baixas”. De certa maneira, essa ‘ação benéfica’ entra para regular a aceitação das diferenças desses sujeitos que teimam em se desviar.

A história *A menina e o jogo de bola*, de 24 páginas, relata uma menina que adora




brincar de bola. “O dia mais feliz da sua vida foi quando ganhou de presente de aniversário uma bola de futebol!” O conto fomenta reflexões a respeito de quem pode brincar com o quê. “Quando pegava na bola esquecia a fome, a tristeza e o medo do bicho-papão. São

pertinentes as indagações de Finco (2003, p. 97) quando questiona sobre as possibilidades de existirem brinquedos “certos” e “errados” para cada sexo. Não só o brinquedo está pautado em coisas ditas do “universo masculino”, mas todo o estereótipo e o trejeito também. No final da história a menina sofre um acidente e machuca o dedão do pé, tendo que ficar em casa alguns dias para se recuperar enquanto observa da janela de seu quarto os coleguinhas jogarem bola. O conto finaliza com a menina adormecida tendo um sonho em que aparece com uma coroa na cabeça: “E como não podia jogar, sonhava ser princesa!”

A leitura sugere pensar sobre gênero e os papéis que a sociedade impõe a cada um deles. Traz à tona a discussão desse enquadramento de sujeitos, de corpos que tendem a “escapar” e a “se afastar” do contexto, possibilitando um afrouxamento do mecanismo de





controle e, com ele, uma nova trajetória de comoção. O livro não traz explicitamente a discussão sobre a orientação sexual da menina, apesar de vincular o debate sobre as questões de gênero materializadas pela bola. Porém, o final da história, remete para o sonho heteronormatizado imposto a todas as meninas, ou seja, ser princesa!



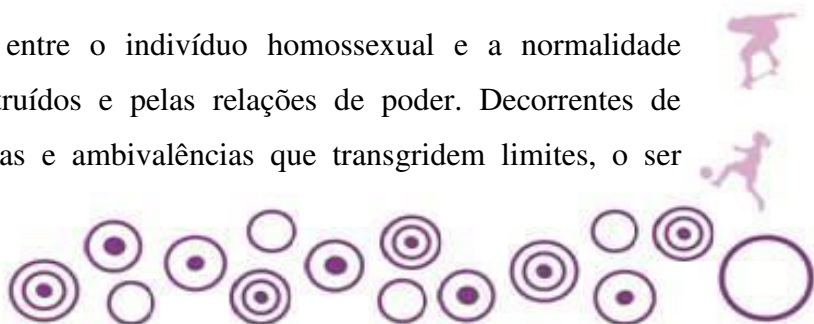
O livro, *Um menino meio assim* traz para o contexto do conto coisas ditas pertencentes ao “universo feminino” e o brinquedo como instrumento para questionar a identidade de gênero do personagem principal da história. Além de relacionar brinquedos

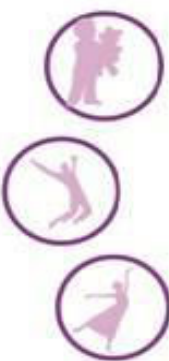
socialmente vinculados às meninas, o conto atribui ao menino medos, manhas e trejeitos “afeminados”: ele balança o pezinho, põe as mãos na cintura, tem voz fina, chora por qualquer coisa e tem medo de bichos. O menino é apresentado para o leitor sempre usando o mesmo traje: uma blusa e uma calça azul de tons diferentes. Mas como diz a história “ao abrir o guarda-roupas da irmã, tirava lá de dentro saias e blusas. Vestia tudo e fazia pose diante do espelho”.

O que marca ainda mais a diferença no visual do personagem é o uso de dois “rabicós” em formatos de flor na cabeça, do início ao fim da história. Um dia, os pais tomaram um susto: “pintou as unhas de vermelho e foi para a mesa jantar”. Preocupados e horrorizados com o jeito de menina do filho, “o pai trancou-o no quarto escuro por vários dias”. O castigo entra como artifício disciplinar corretivo. Segundo Foucault (2008, p. 143), a função maior da punição é adestrar esses corpos, ou seja, “adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. O menino permite-se “experimentar” uma gama de sentimentos, prazeres e vivências e compartilhar isso com os outros, mesmo tendo passado pelo “exercício do castigo” (FOUCAULT, 2008, p. 150). Os corpos sempre serão políticos. Contudo, o final é sugestivo e intrigante. Não existe uma ‘ação benéfica’ na história para o menino ser aceito, mas ele alcança o objetivo que todos almejavam: pegar na mão da menina mais bonita da escola. Novamente, o personagem ousado e performativo é inscrito dentro dos padrões heteronormativos para ser aceito.

Conclusões

Os discursos que transcendem entre o indivíduo homossexual e a normalidade perpassam além dos estereótipos construídos e pelas relações de poder. Decorrentes de vertentes socioculturais com perspectivas e ambivalências que transgridem limites, o ser





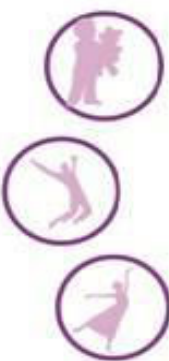
humano se sujeita a tolerar o Outro dentro de normas estabelecidas, muitas vezes de forma discriminatória, racista e de intencionalidades equivocadas de eugenia, estabelecendo um “estado” de poder de massa, manipulado por uma mídia tendenciosa e excludente. Por dentro dessa mídia – e não poderia ser diferente – encontra-se a Literatura Infantil, principalmente a literatura homoerótica para a infância. Como demonstra a presente pesquisa, ela é rara, quase inexistente – se for considerar os dados fornecidos pelas fichas catalográficas – e, de certa forma, se “traveste” em comportamentos cotidianos heterossexuais para ser socialmente aceita. Uma questão é problematizar sobre a pertinência ou não desses artefatos ao universo feminino ou masculino. Outra é trazer para o leitor personagens que fogem dos trejeitos normativos e propor uma história que discuta essas diferentes identidades.

Ficou claro nesta pesquisa a necessidade de enquadrar esses sujeitos dentro dos padrões normativos hegemônicos. A pesquisa coletou dados que contribuem para pensar e refletir sobre as potencialidades que o tema pode proporcionar no combate, desde a infância, desse sentimento homóforo que cerca a humanidade, tornando-a cúmplice e geradora de inúmeros sentimentos violentos que só ajudam a aumentar os dados estatísticos sobre violências, muitas delas, fatais. A escassez das edições nacionais de autores brasileiros que tratem do assunto para crianças bem pequenas, ficou evidente. A dificuldade em encontrá-las somada à difícil tarefa de realizar o crivo necessário para chegar às seis obras designadas ao público infantil, tornou ainda mais complexa a realização desta pesquisa e estreitou significativamente o número de exemplares. Percebemos que a pressão comercial e o marketing depositam no meio mercadológico um poder de persuasão que induz o público a adquirir mercadorias que, muitas vezes, não são aquelas que deseja, devido à falta de informações do produto, dados desconhecidos ou mesmo a tentativa de confundir intencionalmente o leitor.

Alguns dados coletados contribuem para pensar e problematizar como esses sujeitos são representados e retratados nessas obras, como foram concebidos e em que ambiente foi proposto o desenrolar das histórias. Outra constatação crucial para o movimento LGBT, é a forma distorcida como estão ocorrendo os registros nas fichas catalográficas no momento da editoração das obras pelas editoras.

A escola tem um papel importante nessa construção para o reconhecimento da diversidade e do respeito às diferenças. E a Educação Infantil não fica fora disso. É preciso quebrar algumas barreiras, padrões e estereótipos que, desde cedo, aniquilam a singularidade, em que o correto é todo mundo parecido, desejosos das mesmas coisas etc. As questões de gênero, identidade de gênero, formas de amar, concepção familiar etc. são temáticas que





podem ser exploradas desde a infância, sobretudo, no ambiente escolar. A Literatura Infantil pode ser o caminho para viabilizar esse debate, contando, narrando, provocando, opinando e refletindo sobre o assunto. Contudo, apesar de essas histórias ainda não serem contadas, acredito que haverá um final feliz.

Referências

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luis H. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 38, maio/jun./jul./ago. 2003.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na escola infantil. **Pro-Posições**, v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira. L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.).

Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo. Petrópolis, Rj: Vozes, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, maio/ago. 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

